



CHAKRAS E CENTROS DE FORÇA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA SOBRE AS PULSÕES ESPIRITUAIS DO SER HUMANO NO HINDUÍSMO E NO ESPIRITISMO

Chakras and centers of force: a comparative analysis of the spiritual drives of human beings in Hinduism and Spiritism

Luciana Cangussu Prates¹

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas)

Marina Dias Lopes Paiva²

Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE)

DOI: 10.29327/256659.15.2-9

RESUMO:

Entre as diferentes abordagens religiosas e tradições espirituais que abordam o tema dos aspectos sutis da realidade humana, duas nos interessam, a saber: os *chakras*, sistema vinculado ao Hinduísmo, e os centros de força (ou centros vitais), sistema vinculado ao Espiritismo. De um lado, deparamo-nos com a milenar teoria dos *chakras*, cujo advento se liga às bases do Tantra Yoga, mas se encontra incorporada no Hinduísmo a partir dos *Upanishads*, instruções espirituais indianas. De outro lado, encontramos a teoria dos centros de força, inserida no Espiritismo a partir das obras de Francisco Cândido Xavier, consideradas pelos espíritas psicografias do Espírito³ André Luiz, cujos conteúdos apresentam uma compreensão espírita acerca dos aspectos espirituais do ser humano. Assim, no intuito de colaborar com as discussões acadêmicas no campo das Ciências da Religião, optamos por realizar uma breve análise das duas perspectivas, destacando algumas de suas respectivas particularidades, bem como apresentando aproximações e distanciamentos das temáticas elaboradas.

Palavras-Chave: *Chakras*; Hinduísmo; Centros de força; Espiritismo.

¹ Doutora em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas) e mestre em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). E-mail: luciana@centrodaconsciencia.com.

² Mestre em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) e especialista em Psicologia Transpessoal pela Facisa BH. E-mail: marinadiaslp@gmail.com.

³ Os textos espíritas fazem uma distinção entre os termos *espírito* com letra maiúscula e com letra minúscula. Na perspectiva espírita, o *Espírito* designa “individualidade de um ser inteligente” e *es-pírito* designa “princípio geral do universo” (Kardec, 2013, questões 23, p. 62, e 76, p. 87).

INTRODUÇÃO

Entre as diferentes abordagens religiosas e tradições espirituais que abordam o tema dos aspectos sutis da realidade humana, selecionamos para o presente artigo duas que mais nos interessam por colaborarem com nossas áreas de pesquisa: os *chakras*, sistema vinculado ao Hinduísmo, e os centros de força (ou centros vitais), sistema vinculado ao Espiritismo. Assim, com os devidos distanciamentos acadêmicos e sem fazer investidas teológicas, ideológicas ou instrumentais em torno do Hinduísmo e/ou do Espiritismo, optamos por realizar uma breve análise das duas perspectivas, destacando algumas de suas respectivas particularidades, no intuito de compreendermos como as correntes em questão percebem a faceta espiritual da vida humana, a qual não se encontra dissociada da materialidade/corporalidade.

Isto posto, nas páginas que seguem, a princípio, o leitor encontrará um exame conciso de cada uma das óticas escolhidas e, logo após, uma espécie de paralelo, no qual pretendemos observar possíveis aproximações e distanciamentos das temáticas elaboradas. De um lado, deparamo-nos com a milenar teoria dos *chakras*, cujo advento se liga às bases do Tantra Yoga, mas se encontra incorporada no Hinduísmo a partir dos *Upanishads*, instruções espirituais que integram as escrituras indianas denominadas *Vedas*. De outro lado, encontramos com a teoria dos centros de força inserida no Espiritismo, a partir das obras reconhecidas entre os espíritas como psicografias⁴ do médium⁵ Francisco Cândido Xavier ditadas pelo Espírito André Luiz⁶, cujos conteúdos elaboram uma compreensão espírita acerca dos aspectos espirituais que constituem o ser humano. Malgrado a concepção espírita dos centros de força seja, em alguma medida, convergente com a concepção hindu sobre os *chakras*, seus pontos de vista divergem no que diz respeito às suas funções e às suas características essenciais. Cientes de que não esgotaremos o assunto neste artigo, nossa intenção ao realizar essa correlação sintética de ambos pensamentos é a de contri-

⁴ De acordo com Allan Kardec, em *O Livro dos Médiuns*, item 178, psicografia designa a faculdade que o médium tem de escrever: “De todos os meios de comunicação, a escrita manual é o mais simples, mais cômodo e, sobretudo, mais completo.”

⁵ De acordo com Allan Kardec, em *O Livro dos Médiuns*, item 49, médium designa a faculdade que o ser humano tem de se comunicar com os Espíritos: “Os Espíritos se comunicam por médiuns, que lhes servem de instrumentos e intérpretes [...]”

⁶ Segundo o Espiritismo, André Luiz é um Espírito e, de acordo com Allan Kardec, em *O Livro dos Espíritos*, pergunta 76: “[...] Espíritos são os seres inteligentes da criação. Povoam o Universo, fora o mundo material. Nota: A palavra Espírito é empregada aqui para designar as individualidades dos seres extracorpóreos [...]”

buir com a percepção acadêmica em torno do estudo comparativo das duas perspectivas, colaborando com as discussões no campo das Ciências da Religião.

OS CHAKRAS NO HINDUÍSMO

Não obstante os fundamentos das teorias indianas sobre os *chakras* estejam presentes nas origens do Hinduísmo, as pesquisas em torno do tema evidenciam que o estudo dos centros de energia emergiu do Tantra Yoga, cuja definição não requer uma conversão específica a uma religião, visto que sua prática diz respeito à transcendência da própria personalidade, a partir da qual se pretende atingir e realizar uma identidade divina (Wallis, 2013, p. 23). De acordo com Christopher Wallis, especialista contemporâneo do assunto, o termo *tantra*⁷ designa, basicamente, um sistema de práticas espirituais articulados dentro de um texto sagrado específico, e o termo *yoga*⁸, originalmente, concerne um conjunto de práticas psicofísicas, com ênfase na meditação, que objetiva, segundo o paradigma tântrico, disciplinar o corpo, a mente e o espírito, integrando-os no intuito de alcançar o mais alto propósito espiritual. A fim de esclarecer sobre a relação entre o Tantra Yoga e o Hinduísmo, o autor aponta que o termo *hinduísmo*⁹ não designa uma religião específica ou unificada, mas todas as linhagens, seitas e tradições que se ligam aos *Vedas*, primeiros livros sagrados da Índia, assumindo-os como a máxima autoridade espiritual (Wallis, 2013, p. 23). Para um melhor aprofundamento no tema, vale pontuar, ainda, que, embora haja uma heterogeneidade de pontos de vista dentro do Hinduísmo, as diferentes escolas concordam ao assumir que o principal objetivo da vida humana é a libertação completa dos ciclos de morte e renascimento, processo denominado *moksha* (Bhaskarananda, 2002, p. 127).

Ao traduzir os *Upanishads*, textos sagrados que compõem os *Vedas*, Eknath Easwaran elucida que as escrituras indianas estão reunidas em quatro coleções, as quais se en-

⁷ Segundo o autor, a palavra *tantra* se refere a textos escriturais revelados de maneira divina e sua etimologia se divide, resultando no significado “sabedoria (*tan*) que salva (*tra*)”. Considera-se que o *Tantra* foi um fenômeno espiritual, originado entre 600 a.C a 1300 d.C, que, em algum nível, afetou a maioria das religiões indianas.

⁸ Wallis explica que o *Yoga* foi incorporado pelo *Tantra* cerca de mil anos após o seu surgimento.

⁹ De acordo com Max Weber, o termo *hinduísmo* surgiu a partir da dominação islâmica, referindo-se aos nativos da Índia não-muçumanos: “Os próprios indianos não hão começado a designar como *hinduísmo* sua afiliação religiosa até a literatura moderna” (Weber *apud* Oliveira, 2022, p. 2). Christopher Wallis corrobora com o pensamento weberiano ao dizer que o Hinduísmo autêntico surgiu apenas quando os próprios indianos passaram a utilizar o termo para aludir à sua própria religião, descrevendo seu significado específico no início do século XVIII (Wallis, 2013, p. 22-23).

construções divididas, cada uma, em duas partes: a primeira “preserva os hinos e as interpretações filosóficas dos rituais usados na adoração hindu” e a segunda “concerne não a rituais, mas à sabedoria” (Easwaran, 2008, p. 19, tradução nossa). Enquanto a seção ritualística dos *Vedas* define as questões religiosas do Hinduísmo, os *Upanishads* assumem caráter mais universal, ultrapassando os limites do tempo-espaço. De acordo com Easwaran, os textos em questão fazem os seres humanos voltarem à própria intimidade, entrando em contato com o que o autor chama de *poderes da consciência humana*, os quais, segundo ele, possibilitam atingir a totalidade sem qualquer tipo de mediação (Easwaran, 2008, p. 21-22). Para Easwaran, a maior contribuição de tais escrituras está no fato de que possibilitam a expansão da percepção a respeito do real significado do ser humano: “A constante preocupação dos sábios é nos despertar para a natureza sagrada de nosso ambiente, das criaturas vivas, uns dos outros e, finalmente de nossa própria realidade interior” (Easwaran, 2008, p. 265, tradução nossa).

Compreendendo que a origem dos *Upanishads* está atrelada aos *Vedas*, ressaltamos que indólogos modernos, como Navaratna Rajaram e David Frawley, destacam duas características de tais textos: 1) sua senilidade, por os considerarem os textos mais antigos da humanidade e 2) sua divindade, por terem sido escritos em sânscrito, língua oriunda dos Deuses, de acordo com os hinduístas (Oliveira, 2022, p. 31). No que diz respeito à datação das escrituras, estudos mais recentes¹⁰ em torno do tema indicam que os primeiros *Upanishads* foram redigidos em 1900-1000 a.C. e os últimos em 1400-250 a.C. (Oliveira, 2022, p. 35). Acredita-se que existam ao todo, aproximadamente, 108 *Upanishads*, os quais variam em conteúdo, espiritualidade e tempo de existência. No entanto, 11 textos são considerados principais por terem sido comentados pelo místico e filósofo Shankara¹¹: *Isha*, *Kena*, *Katha*, *Prashna*, *Mundaka*, *Mandukya*, *Taittiriya*, *Aitareya*, *Chandogya*, *Brihadaranyaka* e *Shvetashvatara* (Easwaran, 2008, p. 299).

Fizemos essa breve introdução para que o leitor perceba, mesmo que ligeiramente, o contexto a partir do qual o sistema de *chakras* foi instituído ao longo do tempo. Embora o termo *chakra* não apareça explicitamente nos *Upanishads* principais, ideias como canais

¹⁰ Pesquisas de Dinesh Agrawal e referências de David Frawley, Georg Feuerstein e Navaratna Rajaram.

¹¹ Segundo Easwaran, no início do oitavo século a.C o Hinduísmo enfrentou uma crise, a qual levou Shankara a escrever comentários a respeito de 11 *Upanishads*, dando-os uma segunda canonização sob a sua autoridade e sua vasta conquista intelectual e, assim, renovando o Hinduísmo. Apesar de o último *Upanishad*, *Shvetashvatara*, não apresentar comentários diretos, supõe-se que Shankara o tenha incluído em sua seleção, mas que os escritos a seu respeito não tenham sobrevivido ao longo do tempo.

sutis de energia, os *nadis*, e energia de evolução, a *kundalini*, estão presentes em alguns dos textos¹², de modo a fundamentar o entendimento sobre a temática. Isto significa que, se, por um lado, o conceito de *chakra* não é central nessas escrituras, por outro lado, seus conteúdos oferecem o pilar de sustentação no qual os hindus desenvolveram, gradativamente, sua visão em torno do fluxo de energia no corpo humano, culminando nas expansões sobre o assunto dentro do Tantra. Patrick Olivelle, estudioso do assunto, na introdução de sua análise dos primeiros *Upanishads*, lembra-nos que, em sua totalidade, as escrituras hindus foram compostas ao longo de diversos séculos, em várias regiões e, por isso, muitos dos textos recentes foram influenciados por outras doutrinas indianas, como o Yoga (Olivelle, 1998, p. 4). Assim é que documentos mais contemporâneos da tradição hindu trazem descrições mais evidentes do sistema de *chakras* em alguns dos chamados Yoga *Upanishads*¹³ ou *Upanishads* menores, os quais, como o nome já revela, são considerados secundários para o Hinduísmo.

Dessa maneira, entendemos que a essência do sistema de *chakras* se deriva de dois contextos: o Hinduísmo e seus *Upanishads* e o Tantra Yoga e suas escrituras. Nesse panorama, os Yoga *Upanishads* se ligam aos *Vedas* e, por isso, pertencem à tradição hindu, e os textos do Tantra Yoga não se encontram vinculados a nenhuma religião específica (Canggusu Prates, 2023, p. 2). De acordo com o cientista da religião e indologista americano David Gordon White, enquanto os Yoga *Upanishads* consistem em reinterpretações dos *Upanishads* clássicos, as quais, a partir de meditação, mantras e práticas de Yoga, geram correspondências entre macrocosmo universal e microcosmo corporal; os textos do Tantra Yoga consistem em escrituras que divulgam a soteriologia yóguica original de uma forma inovadora (White, 2012, p. 12-19). Os Yoga *Upanishads*, apesar de terem sido influenciados pelas escrituras tântricas, são considerados originais na medida em que repousam na tradição védica e em seu estilo de metafísica não-dualista, mantendo-os fiéis ao Hinduísmo

¹² Diversos *Upanishads* dissertam sobre a ideia do corpo sutil, o qual inclui os *nadis*, canais de energia, e o *prana*, energia de força de vida, a saber: *Prashna Upanishad*, *Shvetashvatara Upanishad*, *Katha Upanishad* e *Brihadaranyaka Upanishad*.

¹³ Acredita-se que existam em torno de 18 a 20 Yoga *Upanishads*. De acordo com Srinivāsa Aiyangār, estudioso que realizou a tradução dos textos para o inglês, são eles: *Advaya-tarakopanisad*, *Amrta-nadopanisad*, *Amrta-bindupanisad*, *Ksurikopanisad*, *Tejo-bindupanisad*, *Tri-sikhi-brahmano-panisad*, *Darsanopanisad*, *Dhyana-bindupanisad*, *Pasupata-brahmopanisad*, *Brahma-vidyopanisad*, *Mandala-brahmanopanisad*, *Mahavakyopanisad*, *Yoga-cudamany-upanisad*, *Yoga-tattvopanisad*, *Yoga-sikhopanisad*, *Varahopanisad*, *Sandilyopanisad* e *Hamsopanisad*. Para saber mais sobre o assunto, conferir a obra *The Yoga Upanisads*.

(Cangussu Prates, 2023, p. 2). A história do Tantra, por sua vez, é reconhecida por ter adicionado novas técnicas às práticas yóguicas já existentes, como, por exemplo, “*pranayamas* mais complexos, práticas de visualização detalhadas e a ciência dos mantras, assim como diversas práticas baseadas no corpo, especialmente posturas yóguicas, gestos manuais sagrados e a ativação dos centros de energia (*chakras*) no corpo” (Wallis, 2013, p. 24, tradução nossa). Assim, destacamos a importância dos trabalhos do Tantra na emergência das ideias ligadas à hierarquização dos centros de energia internos (os *chakras*) num contexto histórico onde os canais de energia do corpo (*nadis*) já estavam presentes nos *Upnishads* principais (White, 2012, p. 14).

A fim de nos aprofundarmos no tema abordado acima, apresentamos, agora, o conceito de *chakra* (चक्र), o qual se associa aos termos *círculo*, *disco* ou *roda* (Cangussu Prates, 2023, p. 3). Abaixo, reunimos algumas definições de pesquisadores da área, de modo a alargarmos os nossos horizontes de compreensão em torno do assunto:

Quadro 1. Significado do termo *chakra* de acordo com fontes diversas¹⁴

“[...] podem brevemente ser descritos como centros sutis de operação no corpo de <i>Shakti</i> ¹⁵ ou de Poder, dos vários <i>Tattvas</i> ou Princípios que constituem o invólucro corporal” (Avalon, 1950, p. 103, tradução nossa)
“Um <i>chakra</i> é um vórtice giratório de energia criado dentro de nós mesmos pela interpenetração da consciência e do corpo físico” (Judith, 1999, Kindle, l.5, tradução nossa)
“O sistema de <i>chakras</i> é, na verdade, um sistema de operações sutis de poder em torno de alguma força centralizada. O <i>chakra</i> é um gráfico dinâmico natural, expondo a imagem exata dos poderes constituintes que operam nele” (Goswami, 1999, p. 14, tradução nossa)
“Cada corpo/mente tem dentro de si centros de energia para controlar o fluxo de prana e um sistema de canais de energia” (Motoyama, 2004, p. 20)
“[...] <i>chakras</i> são pontos focais para meditação dentro do corpo humano, visualizados como estruturas de energia semelhantes a discos [...]” (Wallis, 2016, tradução nossa)
“Antes do período moderno, o corpo do yogi era comumente concebido como uma rede de centros psicofísicos (<i>cakras</i> ¹⁶ , <i>granthis</i> , <i>ādhāras</i> , etc.) [...]” (Mallinson, Singleton, 2017, p. 135, tradução nossa)
“Os <i>cakras</i> (‘rodas’), que também são conhecidos como <i>padmas</i> (‘lotus’), são focos sutis de meditação distribuídos ao longo do canal central do corpo” (Mallinson, Singleton, 2017, p. 137, tradução nossa)

Fonte: Elaborado pelas autoras

¹⁴ Sugerimos a leitura do artigo *Noções introdutórias sobre os chakras no Hinduísmo*, de Luciana Cangussu Prates, publicado na revista *Interações* (ver referências).

¹⁵ Palavra utilizada para designar energia.

¹⁶ Em geral, as traduções das escrituras hindus para o inglês apresentam a grafia da palavra *chakra* sem o *h*, ao que muitos autores utilizam essa maneira de se referir ao tema.

Diante das informações acima, faz-se necessário explicar que os significados tanto das funções quanto das características dos *chakras* são construídos a partir de processos ritualísticos, não advindos de fenômenos físicos observáveis, ou seja, os *chakras* são simbologias que não podem ser testadas empiricamente da mesma maneira que os gânglios podem (Singleton, 2010, p. 51). Em *O poder da serpente*, Avalon explica que os *chakras* são frequentemente descritos como vórtices de matéria etérica por onde a *vida divina* flui para o corpo físico (Avalon, 1950, p. 7). Seguindo o mesmo raciocínio, as pesquisas de Motoyama evidenciam que os *chakras* promovem uma troca entre a dimensão física e o que o autor denomina de *dimensão astral*: “Através dos *chakras*, o prana sutil no corpo astral pode ser transformado, por exemplo, em energia para a dimensão física, fornecendo, assim, ao corpo físico, essencial energia de vida” (Motoyama, 2004, p. 20).

As pesquisas revelam inúmeros sistemas de *chakras* com diferentes indicações (Wallis, 2016), no entanto, também demonstram que, a partir do século XII, as tradições yóguicas concordam com a existência de seis *chakras* principais (Mallison, Singleton, 2017, p. 137). Mark Singleton, ao estudar as origens do Yoga moderno, explica que, em geral, os *chakras* se localizam ao longo da coluna espinhal, sendo numerados em seis ou sete (Singleton, 2010, p. 29). Avalon, por sua vez, esclarece que há seis centros mais um: “Dentro do *Meru*, ou coluna vertebral, estão os seus principais centros de operação *Tattvik*, *Chakras* ou *Padmas*, que são os assentos de *Shakti*, como o *Sahasrāra* acima é a morada de Shiva” (Avalon, 1950, p. 115, tradução nossa). Devido a divergência que envolve o assunto, inclusive dentro dos próprios *Yoga Upanishads*, neste trabalho focaremos nos sete *chakras* mais conhecidos no ocidente, a saber: *Muladhara*; *Svadhithana*; *Manipura*; *Anahata*; *Vishuddha*; *Ajna*; *Sahasrāra*. Conforme Wallis, tecnicamente, o último centro não é considerado um *chakra*, uma vez que simboliza a morada e o destino final da *kundalini* e, por isso, contraria a descrição que explica a existência de um processo no qual os *chakras* são perfurados pela *kundalini* em ascensão (Cangussu Prates, 2023, p. 4).

A partir da compreensão de que os *chakras* resultam de um movimento de interpenetração da dimensão espiritual na dimensão física, ressaltamos, de acordo com a perspectiva hindu, a importância da *kundalini* para esse processo. De origem sânscrita, o termo *kundalini* (कुंडलिनी) significa *enrolada*. Segundo essa tradição religiosa, essa energia, por se encontrar dormente até que seja despertada pelas disciplinas espirituais, é considerada

o poder criativo da evolução espiritual em potencial (Eswaran, 2008, p. 340). Nesse contexto, as descrições do Hinduísmo apontam que a *kundalini* se encontra localizada na base da coluna vertebral, podendo ser estimulada pela fidelidade às práticas yóguicas para subir pelos *chakras* até o topo da cabeça de modo a favorecer a sensação de união e de integração total (Mallinson, Singleton, 2017, p. 15).

Por tomarmos o Hinduísmo como cerne de nossa pesquisa, a partir de agora, focaremos nas raízes dos Yoga *Upanishads*, as quais apresentam os *chakras* de maneira mais prescritiva do que descritiva. Por isso, as escrituras, ao invés de descreverem cada centro de energia especificamente, ensinam práticas yóguicas que colaboram, por meios místicos, com o cumprimento de um determinado objetivo (Wallis, 2016). O quadro a seguir, baseado nos versos de alguns dos Yoga *Upanishads*, demonstra a base que sustenta a compreensão hindu sobre os *chakras*:

Quadro 2. Sintetização sobre os *chakras* nos Yoga *Upanishads*, a partir da obra *The Yoga Upanisads*¹⁷, de Srinivasa Ayyangar

<i>Chakra</i>	Verso
<i>Muladhara</i>	“Quando o Prana entra no <i>Muladhara</i> (o suporte-raiz), ó melhor entre os iluminados! Então é dito ser o primeiro equinócio pelos devotos praticantes de penitência!” (<i>Darsanopanisad</i> 40-47) (p. 132, tradução nossa, negrito nosso)
	“Em seguida, o fogo (no <i>Muladhara</i>), junto com o ar vital, apreende os humores do corpo (contribuindo para o aumento da energia vital e da virilidade.” (<i>Yoga-Sikhopanisad</i> , 145-151) (p. 355, tradução nossa, negrito nosso)
	“O <i>Muladhara</i> , de forma triangular , está situado no espaço entre o ânus e os órgãos genitais . Diz-se que esse é [...] onde é estabelecido o poder extraordinário conhecido como <i>Kundalini</i> ; de onde o ar vital tem sua origem; de onde surge o fogo [...] .” (<i>Yoga-Sikhopanisad</i> , 168-178) (p.359, tradução nossa, negrito nosso)
<i>Svadhithana</i>	“A palavra ‘ <i>Sva</i> ’ indica <i>Prana</i> (força vital); <i>Svadhithana</i> é a morada dessa (força vital) .” (<i>Yoga-Cudamany-Upanisad</i> , 11-14) (p. 281, tradução nossa, negrito nosso)
	“ Na raiz dos órgãos genitais , com os seis cantos (está situado) o plexo conhecido como <i>Svadhithana</i> .” (<i>Yoga-Sikhopanisad</i> , 168-178) (p. 360, tradução nossa, negrito nosso)

¹⁷Em algumas traduções das escrituras hindus para o inglês a grafia da palavra *Upanishad* é apresentada sem a letra *h*.

	<p>“O praticante, após assumir a postura <i>Padmasana</i>, permanecendo à vontade, contraindo o ânus, enviando para cima (pelo caminho <i>Susumna</i>) o ar vital, deve ter sua mente absorvida no <i>Kumbhaka</i>. Em virtude da ação do ar vital, o fogo, atingindo o <i>Svadhithana</i>, explode em chamas.” (<i>Yoga-Kundaly-Upanisad</i>, 82-87) (p. 264, tradução nossa, negrito nosso)</p>
Manipura	<p>“O <i>Muladhara</i>, o <i>Svadhithana</i>, o Manipura, que é o terceiro, [...]. [...] o Manipura da região do umbigo [...]” (<i>Yoga-Kundaly-Upanisad</i>, 3-11) (p. 237, tradução nossa, negrito nosso)</p>
	<p>“[...] <i>Mani-puraka</i> de dez pétalas [...]” (<i>Mandala-Brahmanopanisad</i>, 5) (p.243, tradução nossa, negrito nosso)</p>
	<p>“O plexo da região do umbigo, onde o corpo está cheio de ar, assim como uma joia é amarrada com um fio, é dito ser o <i>Manipura</i> (com dez pétalas).” (<i>Dhyana-Bindupanisad</i>, 46-50, tradução nossa, negrito nosso)</p>
Anahata	<p>“No coração está o grande plexo, <i>Anahata</i> com doze pétalas.” (<i>Yoga-Sikhonpanisad</i>, 168-178) (p. 360, tradução nossa, negrito nosso)</p>
	<p>“Do som produzido no Éter <i>Anahata</i> (do coração), há a reverberação desse som; há radiância penetrando no interior dessa reverberação.” (<i>Mandala-Brahmanopanisad</i>, 4-5) (p. 244, tradução nossa, negrito nosso)</p>
	<p>“Dali ele deve retirá-los (para serem fixados) no grande suporte do coração brilhando como um lótus vermelho-sangue, conhecido como <i>Dahara-pundarika</i> (<i>Anahata</i>) nas Escrituras Vedanta.” (<i>Ksurikopanisad</i>, 11-20) (p. 24, tradução nossa, negrito nosso)</p>
Vishuddha	<p>“No poço da garganta está situado o que é conhecido como <i>Visuddhi</i>, o plexo de dezesesseis pétalas, aqui está estabelecido o <i>Pitha</i> conhecido como <i>Jalamdhara</i> [...]” (<i>Yoga-Sikhonpanisad</i>, 168-178) (p. 360, tradução nossa, negrito nosso)</p>
	<p>“[...] brotado no <i>Madhyama</i> (do <i>Vishuddha</i>), (a função da fala) floresceu no <i>Vaikhari</i> (do pescoço). [...] Desse órgão da fala, o senhor supremo é o eterno e imutável <i>Paramatman</i>, que desperta o poder da fala.” (<i>Yoga-Kundaly-Upanisad</i>, 18-21) (p. 275, tradução nossa, negrito nosso)</p>
	<p>“[...] depois [o <i>Anahata</i>] o <i>Visuddha</i>-cakra de seis pétalas na garganta [...]” (p. 159, tradução nossa, negrito nosso)</p>
Ajna	<p>“O plexo superior conhecido como <i>Ajna</i> (está situado) com duas pétalas no meio das sobrancelhas.” (<i>Yoga-Sikhonpanisad</i>, 168-178) (p. 360, tradução nossa, negrito nosso)</p>
	<p>“A região da mente no meio das sobrancelhas eles sabem ser a forma de <i>Nada</i>. [“O</p>

	<p><i>Jyotir-linga</i> que não é outro senão o <i>Brahman</i> mais íntimo, aquele <i>Brahman</i> Eu Sou” - é o que se manifesta na mente. Pois diz o <i>Sruti</i>, “O <i>Yati</i> (mendicante) deve sempre meditar incessantemente no <i>Jyotir-linga</i> no meio das sobranças” [...]” (<i>Yoga-Sikhonpanisad</i>, 168-178) (p. 360, tradução nossa, negrito nosso)</p>
	<p>“[...] O plexo <i>Ajna</i> de duas pétalas no meio das sobranças, daí a região Lunar e Solar [...]” (<i>Dhyana-Bindupanisad</i>, 46-50) (p. 159, tradução nossa, negrito nosso)</p>
Sahasrāra	<p>“[...] bebendo (o néctar produzido pelo Sol, Lua e Fogo contido no <i>Sahasrara-cakra</i>) da cavidade craniana, a seguir, é possível ver aquele estado (mais elevado) (do <i>Paramatman</i> com a atitude mental, “Ele sou eu”, e através da Gnose adquirida a partir daí, ou se torna o <i>Brahman</i> qualificado ou não-diferenciado.” (<i>Yoga-Sikhonpanisad</i>, 75-76) (p. 341-342, tradução nossa, negrito nosso)</p>
	<p>“[...] irrompendo pelos seis plexos [...], entre, através do <i>Susumna</i>, o <i>Sahasrara</i>, que é resplandecente com <i>Turya</i> e o <i>Turiyatita</i> e busque repouso nele. Aqueles que entram no <i>Brahma-randhra</i> (assim) alcançam o B.” (<i>Yoga-Sikhonpanisad</i>, 33-34) (p. 389, tradução nossa, negrito nosso)</p>
	<p>“Ele se torna puro por (Contato com o ar no <i>Sahasrara</i>). Por beber o licor espiritual (néctar que flui do meio do <i>Sahasrara</i>), ele se liberta de todo pecado.” (<i>Varahopanisad</i>, 76-77) (p. 447, tradução nossa, negrito nosso)</p>

Fonte: Cangussu Prates (2003, p. 6).

Enfatizamos que as escrituras hindus do Yoga revelam que, na realidade interior do ser humano, os centros de energia coexistem e, nesse sentido, a apresentação acima assume caráter didático ao tratar dos *chakras* separadamente (Cangussu Prates, 2023, p. 6-7). De acordo com os documentos, acredita-se que esses centros de energia devem ser trabalhados de maneira unificada, pois somente assim é possível acessar a totalidade: “Tendo conhecido muito bem os seis *Chakras*, o praticante deve entrar na região da bem-aventurança” [*Yoga-Kundaly-Upanisad*, 12] (Aiyangār, 1938, p. 273, tradução nossa). Depois de delineamos o ponto de vista do Hinduísmo a partir dos conteúdos expostos, seguimos adiante em nossa proposta comparativa, apresentando os centros de força de acordo com o Espiritismo.

OS CENTROS DE FORÇA NO ESPIRITISMO

Em um cenário marcado pelo enaltecimento da razão instituída pelo Iluminismo, o Espiritismo (ou Doutrina Espírita) surgiu na França do século XIX, identificando-se como um movimento de oposição tanto às visões materialistas da época, quanto à queda do dogmatis-

mo cristão (THEODORIS, 2015, p. 1). Perante esse contexto, três influências determinaram o rumo do desenvolvimento do Espiritismo: a filosofia, a ciência e a religião, as quais, juntas, representam o tríplice aspecto espírita. Allan Kardec¹⁸, sistematizador do Espiritismo, afirma que o Espiritismo é a *ciência* que revela à humanidade não só a existência, mas também a natureza do universo espiritual, bem como suas relações com o universo físico: “Ele [o Espiritismo] no-lo mostra [o mundo espiritual], não mais como coisa sobrenatural, porém, ao contrário, como uma das forças vivas e sem cessar atuantes da natureza [...]” (KARDEC, 2013, p. 44). O autor também assevera que o Espiritismo é uma doutrina *filosófica* de efeitos *religiosos*, visto que tem como base os fundamentos de qualquer religião (Deus, a alma e a vida futura), mas que não é uma religião em si: “[...] não tem culto, nem rito, nem templos e entre seus adeptos, nenhum tomou, nem recebeu o título de sacerdote ou de sumo sacerdote.” (KARDEC, 2019, p. 222).

De acordo com Kardec, todas as tradições de sagrado estão baseadas em preceitos espiritualistas, posto que o termo designa apenas oposição ao materialismo (KARDEC, 2013, p. 53). Segundo esse raciocínio espírita, crer na existência de algo além da matéria não significa crer em espíritos e suas manifestações. Daí a necessidade de utilizar um novo linguajar: “Se adotei os termos *espírita*, *espiritismo*, é porque eles exprimem, sem equívoco, as ideias relativas aos Espíritos.” (KARDEC, 2013, p. 53). Na introdução de *O livro dos Espíritos*, uma das obras que compõem o principal corpo teórico da doutrina, Kardec explica que o Espiritismo está ancorado nas relações do mundo material com os Espíritos, também conhecidos como seres do mundo invisível (KARDEC, 2013, p. 13).

A partir dessa noção, o Espiritismo compreende o ser humano como uma individualidade composta por três aspectos: o corpo (ser material); a alma (ser imaterial; Espírito encarnado no corpo) e o perispírito (laço que prende a alma ao corpo). Conforme as explicações de Kardec, este último tem por função promover a intermediação entre a matéria e o Espírito e se apresenta como uma espécie de envoltório semimaterial ou corpo etéreo, invisível aos olhos humanos em estado normal (KARDEC, 2013, p. 24). Portanto, segundo o Espiritismo, é nessa estrutura imperceptível à visão que se encontram dispostos

¹⁸Com o surgimento oficial da Doutrina Espírita em 18 de abril de 1857, a partir da publicação de *O livro dos Espíritos*, o educador francês Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804 - 1869) passou a ser conhecido pelos espíritos pelo pseudônimo de Allan Kardec.

os centros de força, cujas particularidades determinam a compreensão espírita acerca do ser humano.

A fim de melhor assimilarmos o entendimento dos centros de força de acordo com a perspectiva do Espiritismo, devemos considerar o fato de este ter se desenvolvido em contexto ocidental, adquirindo, por esse motivo, características socioculturais do espaço-tempo de sua origem: França - século XIX. Ademais, os fundamentos espíritas repousam no cristianismo, uma vez que assumem Jesus como o guia e o modelo de humanidade: “Para o homem, Jesus constitui o tipo da perfeição moral a que a Humanidade pode aspirar na Terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo e a doutrina que ensinou é a expressão mais pura da Lei do Senhor” (Kardec, 2013, p. 298). Dessa maneira, não obstante diversas obras vinculadas ao Espiritismo liguem os centros de força aos *chakras*, igualando-os em termos conceituais, seguimos em nosso raciocínio cientes de que a compreensão espírita sobre o tema está imbuída das interpretações ocidentais, o que, veremos à frente, acarretou o aparecimento de diferenças significativas entre ambas as concepções.

A título de exemplo, mencionamos o livro espírita *Medicina da Alma*, considerado pelos espíritas como psicografia do médium Robson Pinheiro, pelo Espírito Joseph Gleber¹⁹, o qual se refere ao assunto utilizando o próprio termo advindo do Hinduísmo. O discurso espírita, nessa obra, evoca a filosofia oriental para explicar os *chakras*, os quais, segundo sua visão, são essenciais não só para a harmonia energética do ser humano, mas também para a manutenção da saúde integral: “Esses órgãos de percepção e transmutação de energias extrafísicas são de vital importância para todo aquele que se propõe atingir estados superiores de consciência ou sua evolução anímica.” (GLEBER, 2007, p. 91). Ao explicar como acontece o intercâmbio energético entre o corpo espiritual e o corpo físico, esse texto espírita explica que o sistema nervoso é o meio de comunicação pelo qual as energias transitam do espírito para a matéria, tendo o fluido cósmico²⁰ como meio de manifestação. Ainda de acordo com esse discurso espírita, dentro do sistema nervoso, destaca-se o sistema de plexos, no qual, conforme a explanação, localiza-se o sistema de *chakras*: “[...] localizado nos pontos onde se concentra maior número de nervos, ou tecido

¹⁹ De acordo com a visão espírita, Joseph Gleber (pseudônimo) se apresenta como médico e cientista alemão que teria sido recrutado pelo III Reich, no início da Segunda Guerra Mundial, para trabalhar na pesquisa da cisão nuclear.

²⁰ A questão 27 de *O livro dos Espíritos* explica: “Deus, espírito e matéria constituem o princípio de tudo o que existe, a trindade universal. Mas ao elemento material se tem que juntar o fluido universal, que desempenha o papel de intermediário entre o espírito e a matéria propriamente dita, por demais grosseira para que o espírito possa exercer ação sobre ela.” (Kardec, 2013, p. 63).

nervoso, embora estes últimos se encontrem no corpo físico, e os *chakras*, na contraparte etérica do ser humano” (Gleber, 2007, p. 93). No que tange às características, a referida obra espírita ainda comenta que os *chakras* podem ser comparados a “cúmulos energéticos, com velocidade e cor apropriadas a cada um, de acordo com a vibração que manifestem” (Gleber, 2007, p. 93) e, quanto à função, tais estruturas têm o papel de estabelecer a transferência de energias advindas dos reinos da natureza, de modo a colaborar com a integração do espírito com o corpo físico (Gleber, 2007, p. 93). Por fim, esse texto espírita também determina a existência de relações entre os *chakras*, o sistema glandular, as cores e os estados psicológicos, de modo que, nessa perspectiva, os pensamentos e as emoções têm a capacidade de influenciar o funcionamento dos *chakras*, alterando, por fim, no desempenho das glândulas do sistema endócrino do corpo humano (Gleber, 2007, p. 94-95).

Ainda dentro da literatura espírita, a coleção *A vida no mundo espiritual* engloba obras reconhecidas entre os espíritas como psicografias do médium Francisco Cândido Xavier ditadas pelo Espírito André Luiz²¹, destacando-se no meio espírita pela riqueza de conteúdos que descrevem o plano dos Espíritos. O livro *Entre a Terra e o Céu*, semelhantemente ao livro *Medicina da Alma*, descreve a existência de sete centros de força (também denominados nesse discurso espírita como centros vitais) que se localizam nas ramificações dos plexos e regem o corpo de matéria rarefeita sob a orientação das forças mentais, estabelecendo um campo eletromagnético, no qual vibram os pensamentos. Essa obra de Francisco Cândido Xavier, da mesma forma que a obra de Robson Pinheiro, aponta para o fato de que: “Nossa posição mental determina o peso específico do nosso envoltório espiritual e, conseqüentemente, o ‘habitat’ que lhe compete” (André Luiz, 2013, p. 124). Segundo essa perspectiva espírita, entende-se que cada um é responsável por equilibrar ou desequilibrar o próprio aparelho orgânico, o qual se encontra vinculado aos centros de força, a partir da natureza dos pensamentos que constituem a vida íntima.

Outra obra da mesma coleção, intitulada *Ação e Reação*, sustenta a existência de um vínculo entre o sistema endócrino e os centros perispiríticos, os quais, conforme sua preleção, encontram-se atrelados a determinadas glândulas do corpo humano (André Luiz, 2013, p. 242). Dessa maneira, suprarrenais, bolsas genésicas (testículos e ovários), pâncreas, timo, tireóide (e paratireóides) e pineal são nomeadas nesse texto espírita como as

²¹ De acordo com a visão espírita, André Luiz (pseudônimo) se apresenta em suas obras como médico sanitário conhecido no Rio de Janeiro no início do século XX, mas não revela seu verdadeiro nome.

glândulas correspondentes aos centros de força (André Luiz, 2013, p. 241). Ainda sobre o tema, no livro *Evolução em dois mundos*, encontra-se a seguinte afirmação: “Os sistemas enzimáticos revelam-se definidos e as glândulas de secreções internas fabricam variados produtos, refletindo o trabalho dos centros vitais da alma” (André Luiz, 1959, p. 18). A partir disso, a perspectiva espírita sugere que corpo espiritual e corpo material coexistem de maneira interdependente e indissociada por meio do perispírito, onde se localizam os centros de força. Assim, ao analisar a constituição do perispírito, essa obra mostra que os centros de força regem o funcionamento dos órgãos a eles relacionados pela fisiologia terrena, classificando-os da seguinte maneira: centro genésico, centro gástrico, centro esplênico, centro cardíaco, centro laríngeo, centro cerebral e centro coronário (André Luiz, 1959, p. 18). Dando seguimento a esse raciocínio, esse texto apresenta uma descrição pormenorizada dos sete centros de força ou centros vitais que, segundo a visão do Espiritismo, interligam o corpo espiritual e o corpo físico. Abaixo, didaticamente, sintetizamos essas características da descrição espírita sobre os centros de força:

Quadro 3. Sintetização dos centros de força no Espiritismo a partir das obras *Entre a Terra e o Céu* e *Evolução em dois mundos*, de Francisco Cândido Xavier, reconhecidas no meio espírita como psicografias do Espírito André Luiz

Centro	Citação
Genésico	“[...] em que se localiza o santuário do sexo , como templo modelador de formas e estímulos ” (André Luiz, 2013, p. 125, negrito nosso)
	“[...] o centro genésico, guiando a modelagem de novas formas entre os homens ou o estabelecimento de estímulos criadores , com vistas ao trabalho, à associação e à realização entre as almas” (André Luiz, 1959, p. 18, negrito nosso)
Gástrico	“[...] se responsabiliza pela penetração de alimentos e fluidos em nossa organização [...]” (André Luiz, 2013, p. 125, negrito nosso)
	“[...] o centro gástrico, responsabilizando-se pela digestão e absorção dos alimentos densos ou menos densos que, de qualquer modo, representam concentrados fluídicos penetrando-nos a organização [...]” (André Luiz, 1959, p. 18, negrito nosso)
Esplênico	“[...] no corpo denso, está sediado no baço , regulando a distribuição e a circulação adequada dos recursos vitais em todos os escaninhos do veículo de que nos servimos” (André Luiz, 2013, p. 125, negrito nosso)
	“[...] o centro esplênico, determinando todas as atividades em que se exprime o

	sistema hemático , dentro das variações de meio e volume sanguíneo [...]” (André Luiz, 1959, p. 18, negrito nosso)
Cardíaco	“[...] sustenta os serviços da emoção e do equilíbrio em geral” (André Luiz, 2013, p. 125, negrito nosso)
	“[...] o centro cardíaco, dirigindo a emotividade e a circulação das forças de base [...]” (ANDRÉ LUIZ, 1959, p. 18, negrito nosso)
Laríngeo	“[...] preside aos fenômenos vocais , inclusive às atividades do timo , da tireóide e das paratireóides ” (André Luiz, 2013, p. 125, negrito nosso)
	“[...] o centro laríngeo, controlando notadamente a respiração e a fonação [...]” (André Luiz, 1959, p. 18, negrito nosso)
Cerebral	“[...] ordena as percepções de variada espécie, percepções essas que, na vestimenta carnal, constituem a visão , a audição , o tato e a vasta rede de processos da inteligência que dizem respeito à palavra, à cultura, à arte, ao saber. É no centro cerebral que possuímos o comando do núcleo endócrino , referente aos poderes psíquicos ” (André Luiz, 2013, p. 125, negrito nosso)
	“[...] destacamos o centro cerebral contíguo ao coronário, com influência decisiva sobre os demais, governando o córtice encefálico na sustentação dos sentidos, marcando a atividade das glândulas endócrinas e administrando o sistema nervoso , em toda a sua organização, coordenação, atividade e mecanismo, desde os neurônios sensitivos até as células efetoras [...]” (André Luiz, 1959, p. 18, negrito nosso)
Coronário	“[...] devemos dizer que dele emanam as energias de sustentação do sistema nervoso e suas subdivisões, sendo o responsável pela alimentação das células do pensamento e o provedor de todos os recursos eletromagnéticos indispensáveis à estabilidade orgânica” (André Luiz, 2013, p. 125, negrito nosso)
	“[...] identificamos o centro coronário, instalado na região central do cérebro , sede da mente, centro que assimila os estímulos do Plano Superior e orienta a forma, o movimento, a estabilidade, o metabolismo orgânico e a vida consciencial da alma encarnada ou desencarnada [...]” (André Luiz, 1959, p. 18, negrito nosso)

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A obra *Ação e Reação* ainda enfatiza que todos os centros de força vibram de maneira interdependente. Apesar disso, as explicações desse discurso espírita dão destaque ao centro coronário em função de sua alta capacidade de radiação e de sua ligação com a mente, matriz da consciência: “[...] supervisiona, ainda, os outros centros vitais que lhe

obedecem ao impulso, procedente ao Espírita, assim como as peças secundárias de uma usina respondem ao comando” (André Luiz, 1959, p. 18). Segundo essa visão do Espiritismo, o centro coronário representa o ponto de interação entre as forças espirituais e as forças materiais, sendo o responsável por captar e transmitir as energias vitalizantes do Espírito para os demais centros de força, os quais, por sua vez, infundem seus reflexos nos órgãos, marcando a individualidade com o resultado de suas próprias posturas (André Luiz, 1959, p. 18).

A literatura espírita não ignora que o conhecimento a respeito dos centros de força esteja ancorado na tradição hindu, ainda que, frequentemente utilize linguagem diferente para se referir ao tema. Em seus estudos sobre o perispírito, Zalmino Zimmermann, um dos fundadores da Associação Brasileira dos Magistrados Espíritas (ABRAME), atesta que as noções em torno dos centros de força não é uma novidade trazida pelo Espiritismo, mas, sim, um conhecimento antigo: “[...] na Antiguidade, entre os hindus - especialmente, com base nos *Upanixades*, os comentários dos Vedas que formavam os quatro livros sagrados - já se sabia de sua existência” (Zimmermann, 2002, p. 75). Além disso, alguns pesquisadores não têm dúvidas em classificar a Doutrina Espírita, ultrapassando o campo cristão, como posto avançado da cosmovisão hindu em plena América Latina (Pierucci, 2000, p. 291), contudo, a visão espírita não guarda fidelidade absoluta à filosofia hindu e, por isso, desenvolve características diversas em sua abordagem.

Diante do exposto a respeito das duas tradições, pretendemos demonstrar, a seguir, uma análise comparativa dos *chakras* no Hinduísmo e dos centros de força no Espiritismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perante o raciocínio elaborado nos últimos tópicos, introduzimos nossa proposta comparativa, ressaltando o que, talvez, seja o maior ponto de distanciamento entre a visão hindu e a visão espírita acerca das pulsões espirituais do ser humano: o tempo-espço em que ambas as tradições se desenvolveram.

De um lado, os princípios do Hinduísmo se localizam na Índia e remontam o período védico, de 7000 a.C. ao século III a.C., no qual se desenvolveram suas tradições mais

antigas²² (Oliveira, 2022, p. 35). De outro lado, o surgimento do Espiritismo se localiza na França, dentro do contexto europeu, e data do século XIX, era contemporânea da humanidade. Tamanho hiato temporal e espacial separa o Hinduísmo do Espiritismo, influenciando diretamente seus aspectos linguístico-cognitivos e, por consequência, o desenvolvimento de suas características essenciais. É evidente, portanto, que ambas as tradições progrediram na história, recebendo, nesse processo, os influxos geográficos, sociais e culturais dos cenários nos quais estavam inseridas. Antiguidade e modernidade; ocidente e oriente; linguagem ancestral (sânscrito) e linguagem contemporânea (francês) são alguns dos contrastes que revelam tal distância e que precisam ser considerados em nossa análise.

Não obstante o Hinduísmo e o Espiritismo apresentem pontos de significativa disparidade, não pretendemos afirmar que suas visões são absolutamente antagônicas no que diz respeito à compreensão do ser humano e de suas pulsões espirituais. Ao contrário, o conteúdo elaborado até o presente momento nos mostra que, em muitos aspectos, a perspectiva espírita está embebida da filosofia hindu. Percebemos, assim, que o entendimento sobre os centros de força se ancora nas fontes do Hinduísmo, porém, por se tratar de uma construção mais recente, o Espiritismo inclui uma série de atributos desenvolvidos ao longo do tempo, os quais não se encontram vinculados aos textos sagrados hindus. Nesse sentido, inferimos que a perspectiva espírita sobre os centros de força trata-se, em algum nível, de uma visão atualizada da visão hindu sobre os *chakras*, sem, por isso, ser melhor ou pior (não estamos nos ocupando das verdades últimas dessas tradições).

Diversos estudiosos das escrituras em sânscrito apontam a ocidentalização dos *chakras* como uma distorção da essência da tradição, advinda de uma não compreensão dos conteúdos originais. Segundo Shyam Sundar Goswami, yogi e especialista em Yoga, devido à falta de entendimento dos princípios do Yoga, criaram-se muitas ilusões a respeito dos *chakras* (Goswami, 1999, p. xvii). O autor explica que para alcançar a profundidade dos textos e de fato compreendê-los, o conhecimento técnico precisa estar atrelado às instruções diretas de um guru da tradição (Goswami, 1999, p. xvii). Tal perspectiva nos re-

²² De acordo com o autor, as pesquisas mais recentes de Dinesh Agrawal, David Frawley, Georg Feuerstein e Navaratna Rajaram indicam que o período védico se inicia com o surgimento das primeiras escrituras, denominadas *Rg Veda*, passam pelo período bramânico e pela invasão ariana, incorporam todo o advento das *Upanishads* e culminam na expansão do budismo e do jainismo. Para um maior aprofundamento, ver referências.

vela que a linguagem sânscrita está marcada pela vivência hindu. Por isso, apenas a tradução das escrituras não é o bastante para assimilar o sentido sagrado contido nas escrituras.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Christopher Wallis em estudo a respeito das características essenciais ligadas aos *chakras*, evidenciou inúmeras particularidades que, atualmente, são atribuídas ao tema, mas, originalmente, não se encontram nas escrituras. Algumas delas são: a relação entre os *chakras* e os estados psicológicos; a relação entre os *chakras* e as questões fisiológicas dos sistemas endócrino, linfático e nervoso; a relação entre os *chakras* e as cores; a relação entre os *chakras* e o sistema endócrino (Wallis, 2016).

Wallis ainda aponta para o fato de que, hoje, na perspectiva ocidental, a maioria das pessoas não utiliza o conhecimento em torno dos *chakras* pela sua real finalidade, a saber: “[...] funcionar como um templo para *nyāsa*, que significa a instalação de mantras e energias divinas em pontos específicos do corpo sutil” (Wallis, 2016, tradução nossa). As sinalizações de Wallis não pretendem julgar as evoluções sobre a temática, mas, sim, educar a quem possa interessar quanto à fidelidade das escrituras. Dessa maneira, importa dizer que, no progresso ocidental do assunto, essas informações guardam seu valor para a compreensão das pulsões espirituais do ser humano, todavia, é necessário salientar que não se encontram nas fontes originais hindus, a fim de garantirmos a honestidade intelectual de nosso estudo.

Considerando as informações explicitadas, elaboramos um quadro comparativo de teor pedagógico, cujo conteúdo pretende demonstrar aproximações e distanciamentos entre os *chakras* no Hinduísmo e os centros de força no Espiritismo tanto quanto pudemos perceber por meio da correlação sintética que fizemos até o presente momento:

Quadro 4. Apresentação comparativa entre os *chakras* no Hinduísmo e os centros de força no Espiritismo

HINDUÍSMO <i>Chakras</i>	ESPIRITISMO <i>centros de força</i>
DEFINIÇÃO	
Centros sutis; vórtices giratórios de energia; sistema de operações sutis; centros de energia; pontos focais; centros psicofísicos.	Órgãos de percepção e transmutação de energias extrafísicas; cúmulos energéticos; centros vitais; centros perispiríticos.

NÚMERO	
São seis mais um.	São sete.
NOMEAÇÃO	
<i>Muladhara; Svadhisthana; Manipura; Anahata; Vishuddha; Ajna; Sahasrāra.</i>	Genésico; Gástrico; Esplênico; Cardíaco; Laríngeo; Cerebral; Coronário.
FUNÇÃO	
Trazer a <i>vida divina</i> para o corpo físico; ponto de troca entre as dimensões física e astral; levar o ser humano à bem-aventurança quando trabalhados de maneira integrada; despertar a <i>kundalini</i> ; proporcionar a experiência de união e de integração total por meio das práticas específicas.	Colaborar para a harmonização energética e para a saúde integral do ser humano; proporcionar o acesso a estados superiores de consciência; facilitar a evolução anímica; transferir as energias advindas da natureza, colaborando com a integração do espírito com o corpo físico; reger o funcionamento dos órgãos.
APARÊNCIA	
Caracterizados pelo movimento e pela semelhança a pétalas de lótus em números diferenciados.	Caracterizados pelo movimento, pela luminosidade e semelhança às lâminas de um diafragma de máquina ou a pétalas de lótus ²³ .
LOCALIZAÇÃO	
No corpo sutil, ao longo da coluna espinhal, respectivamente: entre o ânus e os órgãos genitais; na raiz dos órgãos genitais; na região do umbigo; no coração; no poço da garganta; no meio das sobrancelhas; na cavidade craniana.	No perispírito ou corpo espiritual, tendo o sistema nervoso como meio de comunicação; nos pontos onde se concentra o maior número de nervos; nas ramificações dos plexos; ligados ao sistema glandular.
LIGAÇÕES	
Não há estabelecimento de ligações com as questões endócrinas, nem com as cores ou com os aspectos psicológicos do ser humano.	Sistema endócrino: estão vinculados, respectivamente às suprarrenais, às bolsas genésicas, ao pâncreas, ao timo, à tireóide (e às paratireóides) e à pineal;

²³“Pelas descrições conhecidas, podem-se imaginar os centros vitais como vórtices muito luminosos, cujo movimento poderia lembrar, às vezes, o abrir e fechar (contínuo e altamente dinâmico, no caso) das lâminas de um diafragma de máquina fotográfica; seu aspecto lembraria, também, as “pétalas do lótus”, na poética expressão da filosofia hindu. Trata-se, obviamente, de uma imagem pálida e imprecisa da realidade, mas ajuda a entendê-la.” (ZIMMERMANN, 2012, p. 80).

	<p>Cores: cada um apresenta uma cor específica de acordo com a vibração que manifestem;</p> <p>Estados psicológicos: pensamentos e emoções influenciam o funcionamento dos centros de força.</p>
--	--

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Se, por um lado, os *chakras* hindus e os centros de força espíritas convergem no que diz respeito a certas características essenciais (como a definição, o número e alguns aspectos funcionais, espaciais e visuais); por outro lado, divergem no que diz respeito às ligações estabelecidas com outras áreas de saber e à maneira de lidar com cada um. Enquanto a visão do Hinduísmo propõe o acesso às experiências de união e de integração total por meio de práticas yóguicas que despertam os *chakras*, a visão do Espiritismo propõe a harmonização da saúde e a evolução da alma por meio do conhecimento e do autoconhecimento, os quais favorecem uma administração mais consciente dos pensamentos e das emoções. À vista disso, a noção hindu assume caráter mais prescritivo dos *chakras* e a noção espírita assume caráter mais descritivo dos centros de força.

Reiteramos que ambas as perspectivas sustentam tanto a coexistência quanto a interdependência entre os *chakras* e os centros de força, de modo a considerá-los de maneira integrada. Contudo, ambas perspectivas também dão ênfase ao que consideram o sétimo *chakra* (*Sahasrāra*) e o sétimo centro de força (coronário), embora por razões diversas. Para a concepção hindu, o *Sahasrāra* se destaca por ser a *morada de Shiva*, o local da integração total e do acesso à bem-aventurança. E, para a concepção espírita, o coronário é o centro de força por onde o Espírito se liga à mente, considerada a sede da consciência. Ademais, acentuamos os distanciamentos advindos das ligações estabelecidas com o sistema endócrino, com as cores e com os estados psicológicos, diferenciações que deduzimos serem advindas dos progressos do tempo-espaço no qual o Espiritismo se estabeleceu e que, não obstante não se encontrem nos *Upanishads*, parecem auxiliar os processos espirituais e religiosos daqueles que se encontrem vinculados à Doutrina Espírita. Diante do exposto, observamos que, tanto as aproximações quanto os distanciamentos entre os *chakras* e os centros de força trazem informações relevantes sobre como o Hinduísmo e o Espiritismo abordam o tema dos aspectos sutis da realidade humana, especialmente no que diz respeito às suas pulsões espirituais. E, nesse sentido, verificamos que este traba-

lho, ao estabelecer um paralelo entre ambas tradições, oferece novos *insights* para as discussões acadêmicas no campo das Ciências da Religião.

REFERÊNCIAS

AIYANGĀR, Srinivāsa. *The Yoga Upanisads* (On the basis of the commentary of Sri Upanisad-Brahma-Yogin). Adyar: The Adyar Library, 1938.

ANDRÉ LUIZ (Espírito). *Ação e Reação*. Psicografia de Francisco Cândido Xavier. 30º ed. Brasília: Federação Espírita Brasileira – FEB, 2013.

ANDRÉ LUIZ (Espírito). *Entre a Terra e o Céu*. Psicografia de Francisco Cândido Xavier. Brasília: FEB, 2013.

ANDRÉ LUIZ (Espírito). *Evolução em dois mundos*. Psicografia de Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. 30º ed. Brasília: FEB, 1959.

AVALON, Arthur. *The serpent power: The secrets of tantrik and shktic yoga*. 4º ed. Madras: Ganesh & Co. Ltd, 1950.

BHASKARANANDA, Swami. *The Essentials of Hinduism: a comprehensive overview of the world's oldest religion*. 2ª ed. Seattle: Viveka Press, 2002.

CANGUSSU PRATES, L. Noções introdutórias sobre os *chakras* no Hinduísmo. In: *Interações*, v. 18, n. 1, junho de 2023.

EASWARAN, Eknath. *The Upanishads: a classic of indian spirituality*. Tomales: The Blue Mountain Center of Meditation, 2008.

GLEBER, Joseph (Espírito). *Medicina da alma*. Psicografia de Robson Pinheiro. Contagem: Casa dos Espíritos, 2007.

GOSWAMI, Shyam Sundar. *Layayoga: the definitive guide to the chakras and kundalini*. Vermont: Inner Traditions International, 1999.

KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. 41º ed. Brasília: FEB, 2019.

KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. 131º ed. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, Allan. *O livro dos Espíritos*. 93º ed. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, Allan. *O que é o Espiritismo: Introdução ao conhecimento do mundo invisível, pelas manifestações dos espíritos*. 56º ed. Brasília: FEB, 2013.

MALLINSON, James; SINGLETON, Mark. *Roots of yoga*. London: Penguin Classics, 2017.

MOTOYAMA, Hiroshi. *Teoria dos chakras: ponte para a consciência superior*. 2º ed. São Paulo: Pensamento, 2004.

OLIVELLE, Patrick. *The early Upanisads: Annotated text and translation*. New York: Oxford University Press, 1998.

OLIVEIRA, Arilson. Uma introdução ao vaishnavismo: considerações históricas e sociológicas. In: CARVALHO, Leon Adan Gutierrez de; VALERA, Lúcio (org.). *O movimento hare krishna no Brasil: estudos em perspectiva*. Foz do Iguaçu: Edunila, 2022, p. 25-46.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Apêndice: as religiões no Brasil. In: HELLERN, V.; NOTAKER, H.; GAARDER, J. (org.). *O livro das religiões*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

SINGLETON, Mark. *Yoga Body: The Origins of Modern Posture Practice*. New York: Oxford University Press, 2010.

THEODORIDIS, Nicolas. Dialogando com o Espiritismo. In: *Lugares dos Historiadores: velhos e novos desafios*. Anais do XXIII Encontro Nacional de História. Florianópolis, 27 a 31 de julho de 2015. p. 1-12.

WALLIS, Christopher D. *Tantra Illuminated: the philosophy, history and practice of a timeless tradition*. Kindle edition. San Rafael: Mattamayura Press, 2013.

WHITE, David Gordon. Yoga, brief history of an idea. In: WHITE, David Gordon. *Yoga in practice*. Princeton: Princeton University Press, 2012. p. 1-23.

ZIMMERMANN, Zalmino. *Perispírito*. 2ª ed. Campinas: Centro Espírita Allan Kardec, 2002.

ABSTRACT:

Among the different religious approaches and spiritual traditions that address the topic of subtle aspects of human reality, two interest us, namely: the *chakras*, a system linked to Hinduism, and the centers of force (or vital centers), a system linked to Spiritism. On the one hand, we are faced with the ancient theory of the *chakras*, whose advent is linked to the bases of Tantra Yoga, but is incorporated into Hinduism from the *Upanishads*, indian spiritual instructions. On the other hand, we find the theory of centers of force, inserted in Spiritism based on the works of Francisco Cândido Xavier, considered by spiritists to be psychographies of the Spirit André Luiz, whose contents present a spiritist understanding of the spiritual aspects of human beings. Thus, in order to collaborate with academic discussions in the field of Religious Sciences, we chose to carry out a brief analysis of the two perspectives, highlighting some of their respective particularities, as well as presenting similarities and distances between the themes elaborated.

Keywords: *Chakras*; Hinduism; Center of force; Spiritism.

Recebido em 03/08/2023

Aprovado para publicação em 11/09/2023